

UM RELATO DA EXTENSÃO AOS MODOS DE CRIAR, FAZER E VIVER A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (PB).

Maria Jackeline Feitosa Carvalho

mjacfc@uol.com.br

Antônio Albuquerque da Costa

albuqcosta@hotmail.com

Jéssica Inocência dos Santos

jessicasantos38@live.com

GEUR/UEPB

RESUMO

A presente comunicação pretende socializar a ação extensionista PROBEX (UEPB/ 2013-2014) desenvolvida junto à *Associação dos Feirantes e Comerciantes do Mercado Central de Campina Grande (AFEMEC)*. A Extensão objetivou um processo de interação entre Universidade e feirantes no sentido de dar visibilidade a relação entre memória e patrimônio histórico enquanto produção de conhecimentos contextualizados da promoção da preservação arquitetônica e cultural da Feira Central de Campina Grande. Em resumo, a ação extensionista objetivou promover a interação entre o conhecimento acadêmico e o popular, através da troca de saberes, com vistas a potencializar a visibilidade do patrimônio material e imaterial deste lugar. Deste modo, a comunicação coloca em visibilidade a problemática do patrimônio histórico e arquitetônico da Feira Central de Campina Grande, voltando-se ao exercício da educação patrimonial e de sua memória.

Palavras-chave: Memória, Patrimônio ; Educação Patrimonial; Feira.

ABSTRACT

The purpose of this communication is to socialize the action extensionist PROBEX (UEPB/ 2013-2014) developed by the *Association of merchants and traders in the Central Market of Campina Grande (AFEMEC)*. The Extension was a process of interaction between the University and merchants to give visibility to the relationship between memory and historical heritage while production of contextualized knowledge of promotion of architectural preservation and cultural Fair of Central of Campina Grande. In summary, the extensionist action aimed to promote the interaction between academic knowledge and the popular, through the exchange of knowledge, with a view to enhance the visibility of material and immaterial assets of this place. In this way, the communication puts into visibility the problematic of historic and architectural heritage of Central Fair of Campina Grande, returning to the heritage education and its memory.

Keywords: Memory, Heritage ; Heritage Education; Fair.

Introdução

A presente comunicação pretende socializar a ação extensionista¹ que foi desenvolvida junto à *Associação dos Feirantes e Comerciantes do Mercado Central de Campina Grande (AFEMEC)*. A Extensão objetivou um processo de interação entre Universidade (UEPB) e feirantes no sentido de dar visibilidade às identidades culturais local, ao atuar na promoção da preservação arquitetônica e cultural da Feira Central de Campina Grande. Deste modo, a Extensão justificou-se por colocar em visibilidade a problemática do patrimônio histórico e arquitetônico da Feira Central de Campina Grande, voltando-se ao exercício da educação patrimonial e de sua memória, pensando a historicidade desta Feira pelo que remete à cidade, destacando-a como um dos principais lugares históricos ainda mantidos pelo intuito de fornecer à sociedade local enquanto ideia de passado entrecruzado com o presente, uma vez que a Feira Central tem uma história que precisa ser conhecida e cuidada enquanto espaço de vivência, dada a sua dinâmica cultural, econômica e socioambiental peculiar. Pois, um dos grandes atrativos da cidade é, sem dúvida, a Feira Central. Localizada entre diversas ruelas do centro da cidade, a feira é uma das maiores do Nordeste, funcionando todos os dias:

A gênese da feira livre de Campina Grande confunde-se com sua própria fundação. A feira surgiu no aldeamento do povo Ariú, grupo pertencente a nação dos Cariris, que permaneceu em nossa localidade com a finalidade de pastorear o gado dos Oliveira Ledo. Este local, onde aportaram Theodósio e seus índios trazidos do interior da província, era o Sítio Barrocas, mais precisamente no início da Rua Vila Nova da Rainha com o Açude Velho, viela considerada porta de penetração para o Sertão e Cariri, desde os primórdios. Por se tratar de uma rota estratégica, aglomeravam-se tropeiros e boiadeiros, destacando-se o comércio, à base da troca, do principal produto da época, a farinha de mandioca. Desde então, fixara-se ali, a feira livre de Campina Grande, tradicionalmente realizada aos domingos. Somente em 1839, atendendo ao pedido de D. João Perdigão, bispo de Olinda-PE, em visita ao interior da Paraíba, é que teve sua realização transferida para o sábado, mantendo-se neste dia até hoje. (...) . (COSTA,2003, p.40).

¹ Projeto de Extensão PROEX/UEPB(2013-2014), vinculado ao GEUR (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Urbano, que envolveu 13 discentes dos cursos de Geografia e História (01 bolsista e 12 voluntários) e 03 docentes.

Portanto, o contexto histórico da dimensão espacial da atual feira livre de Campina Grande está vinculado ao aldeamento do povo Ariús, pois, a gênese das feiras nas proximidades da atual Campina Grande esteve também atrelada a sua localização situada entre o Sertão e o Cariri e das regiões do Brejo e Zona da Mata. Como passagem de tropeiros e boiadeiros, fortaleceu os mercados livres, principalmente a do gado, além da feira do Marinho e a feira de farinha de mandioca - feira da Rua das Barrocas, que possibilitou uma centralidade espacial nesta localidade (COSTA, 2003). No contexto atual a feira livre demonstra-se através do seu contexto histórico, cultural que possibilita não apenas as atividades mercadológicas, mas a sobrevivência de um povo, de uma cultura nordestina que se desenvolve e atualiza-se através de um contexto técnico-científico-informacional.

Em resumo, a ação extensionista objetivou promover a interação entre o conhecimento acadêmico e o popular, através da troca de saberes, com vistas a implementar e a potencializar o patrimônio material e imaterial da Feira Central de Campina Grande; assim como incentivar a articulação entre memória e patrimônio a fim de se conhecer mais de perto a realidade local e regional com a produção de conhecimentos contextualizados.

Metodologia

Ao longo da ação extensionista buscou-se trabalhar de modo a articular teoria e prática; inicialmente toda a equipe envolvida no projeto buscou acompanhar as apresentações realizadas pela Secretaria de Planejamento(SEPLAN/PMCG) sobre a concepção e perspectivas da intervenção de revitalização ora proposta à Feira Central. Ao todo foram acompanhadas 07 reuniões que envolveram os feirantes que, direta ou indiretamente, serão atingidos pela revitalização. Buscou-se assim, conhecer mais de perto a concepção do projeto de requalificação da Feira Central Central-Mercado Central; estabelecer uma etnografia a partir do que os próprios feirantes situavam nessas reuniões com a PMCG. De modo a

entender suas percepções e, neste mesmo sentido, promover a interação entre o conhecimento acadêmico e o popular, através da “troca de saberes”, com vistas a implementar e a potencializar o patrimônio material e imaterial da Feira Central de Campina Grande.

A Extensão ainda trabalhou, a partir da realidade da Feira, a concepção de patrimônio, memória e espaço público constituída por intervenções urbanísticas que norteiam os padrões de criação das novas centralidades na cidade contemporânea, apoiadas no tripé: mercado /consumo/segregação. Desse modo, a ação extensionista situou uma perspectiva diferenciada da participação dos feirantes quanto ao aspecto da intervenção de revitalização que transformará profundamente a Feira Central de Campina Grande, em seus modos de ser e fazer. Visto que, a Extensão incentivou a condição cultural da Feira Central, a partir das próprias demandas de seus trabalhadores e trabalhadoras. Processo rico esse que nos possibilitou entender que a discussão proposta pelo poder público municipal não corresponde aos anseios dos feirantes, pois, foi perceptível o conflito entre a dimensão técnica do que ora estava sendo proposto pela PMCG e as reais preocupações destes.

Ficou evidenciado, ao término deste primeiro momento, a assimetria entre a proposta arquitetônica de transformação daquele espaço em lugar de consumo e a necessidade, posta pelos feirantes, de reforçar a identidade da Feira Central como espaço de sobrevivência, memória, história e sentidos diversos. Assim, a experiência, de acompanhar e partilhar a discussão entre poder público e os próprios feirantes, colocou para nós a necessidade de um aprofundamento da discussão sobre o patrimônio histórico e a memória local, especificamente. Essa necessidade fomentou uma série de leituras coletivas, realizada via GEUR entre alunos e professores (no período de novembro de 2013 a fevereiro do ano corrente), sobre a relação entre cultura, história e memória. A partir dessa compreensão articulamos a teoria e prática e, assim, iniciamos o segundo momento da ação extensionista (abril de 2014).

Ainda registramos o percurso e trajetória da ação extensionista que se deu principalmente em função do contexto o qual hoje vivenciam os feirantes, em meio à controversa e polêmica



revitalização da Feira Central a ser implementada pela Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG). Visto que, em meio a elementos técnicos e políticos, o que ora se observa é um tensionamento entre o que foi aguardado por mais de duas décadas e o que se coloca como real em termos da perspectiva de execução do projeto de revitalização. Face a este impasse, aos poucos, foi se denotando uma situação que *de forma positiva*, acabou por redimensionar a ação extensionista. Em que sentidos? Vejamos a seguir.

Um primeiro sentido se encontra relacionado ao próprio caráter da ação extensionista. Pois, partindo da relevância de uma extensão refletida com/no saber popular, refletida na comunidade e suas aspirações e demandas, terminamos, de forma até então inesperada, mudando o roteiro inicial e, surpreendentemente, o próprio foco da ação extensionista. Ao centrar nossa ação não mais de oficinas, anteriormente planejadas, mas de da mobilização voltada à formatação de um evento [ABRAÇO À FEIRA CENTRAL]. Isto nos exigiu aceitar um desafio bem maior de, permanentemente, dialogarmos com um universo mais rico do que tínhamos projetados. Desafio posto, fomos em busca de, conjuntamente com os feirantes, constituir o que de mais relevante se colocava para aquele lugar [a Feira], e não para a universidade, apenas mediadora desse momento.

Uma informação importante a se destacar foi que, à medida que a ação extensionista saiu dos intramuros para ganhar a rua e o espaço público, ganhamos qualitativa e quantitativamente o envolvimento de alunos que nos procuravam com o interesse em participar da Extensão. Corroborando dessa maneira a relevância do papel que cumpre a Extensão, ao oportunizar a inserção de alunos que, dificilmente, teriam acesso à experiência da ação pedagógica e de intervenção cidadão fora da universidade. Em nossa primeira reunião com os feirantes, foi-nos colocado, por todos feirantes presentes, que a discussão sobre o patrimônio histórico já fora sido realizada pela PMCG 06 meses antes de nossa chegada àquele espaço. De modo que, havia um descrédito latente nos feirantes quanto à *forma, conteúdo e preceito* do



projeto de revitalização pensado pelo ente municipal enquanto possibilidade de “transformar o patrimônio histórico da Feira Central em uma cartão postal da cidade”.

Descrédito este refletido na ausência do poder público local quanto à legitimidade da participação dos mesmos quando da ferramenta da tomada de decisões no projeto de revitalização, a ser implementado pela PMCG. Assim, foi-nos dada pelos próprios feirantes, a reivindicação de que” a universidade(UEPB) pudesse lhe ajudar, juntamente com sua representação- a AFEMEC- a pensar um *evento* que chamasse à atenção da cidade, em meio às comemorações dos 150 anos de Campina Grande. Reforçando assim a importância da Feira Central para próprio desenvolvimento econômico da cidade, visto que a gênese de Campina se vincula à própria historicidade desta Feira.

A ação, ao mesmo tempo, deveria trazer para o centro da questão a sensibilização, mobilização e o próprio envolvimento dos feirantes em sua construção, a partir do que estes vivenciavam e identificavam como os maiores obstáculos e dificuldades apresentadas neste espaço. Em síntese, chamar à dos feirantes e da sociedade local sobre os inúmeros problemas enfrentados pela Feira Central de Campina Grande. A exemplo da ausência de infraestrutura; insegurança; mobilidade dificultada pela inexistência de estacionamento; perda de centralidade como circuito econômico - ocasionada pela (desigual) concorrência com os supermercados; problemática do saneamento, da limpeza pública, da drogadição e prostituição, dentre outras demandas e questões.

Deste modo, a Feira Central de Campina Grande e sua realidade de abandono e de vivências de inúmeros problemas passou a nos falar por uma outra linguagem, que se redimensionou na ação extensionista, transformando-a em *processo de intervenção na cidade a partir do uso do patrimônio histórico (material e imaterial) enquanto estratégia intervenção*



política. Foi desta maneira que o universo da Feira Central e, dessa forma, dos próprios feirantes, nos surpreendeu como nunca esperados. Pois, dada a riqueza que encontramos no espaço lócus da intervenção extensionista- a Feira Central de Campina Grande, fomos instigados a perceber a necessidade em trabalhar a educação patrimonial como intervenção de cidadania sobre o espaço. Visto que, o que desejavam os feirantes era ecoar suas demandas e lutas, de forma a serem ouvidos e passarem a ter visibilidade nesse processo. De forma a serem ouvidos pela comunidade local, em um grito de socorro, como os mesmos denominavam: “A FEIRA CENTRAL PEDE SOCORRO!”

Tal como um navegador que se coloca por mares desconhecidos, aceitamos o desafio e passamos a construir com os feirantes, através das reuniões com a *metodologia de escutas*², uma rica troca de informações e saberes que de maneira peculiar e singular, terminou na organização de um evento e, também caracterizada um manifestação dos feirantes, por estes próprios ambos denominados de um “ABRAÇO À FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE”. Assim foram as vozes silenciadas, anteriormente talvez não percebidas, que nos dia 18 de junho levantaram-se em uma ação inédita e nunca vista na Feira Central, conforme os próprios feirantes assim a definiram e relataram. Estes ocuparam as ruas centrais e entorno do mercado pedindo socorro à Campina Grande .

Avaliamos que foi somente a capacidade em ouvir e nos colocar abertos a trabalhar a partir da realidade, colocada pelos feirantes, o que fez com pudéssemos ganhar a confiança dos mesmos. De forma a também fortalecer a ação extensionista neste espaço. Daí surgiu a opção em trabalhar a Extensão através dos registros da memória urbana de Campina Grande, dada a partir das vivência de personagens singulares que compõem o universo da Feira Central. Por esta perspectiva, juntamente com os feirantes, mais uma vez, chegamos a um **segundo sentido**:

² Característica da etnografia urbana, com um diálogo de *perto e de dentro*, e não de longe e de fora.



a necessidade em preservar a memória e histórias de vida presentes neste lugar, através dos registros iconográfico e áudio visuais. Ação está que ora se encontra em plena execução.

Análise dos resultados

A proposta extensionista contribuiu para fortalecer o espaço da Feira Central de Campina Grande, enquanto patrimônio da cidade que se caracteriza por diferentes formas de usos e lugares. Em sua dimensão social a Extensão contribui com uma ação de inserção dos feirantes, e de todos que retiram deste lugar seu sustento, no processo de construção da memória deste espaço. Esta discussão foi de suma importância, tendo em vista como têm se caracterizado os processos de enobrecimento e remodelação urbanos nos espaço público no Brasil, notadamente decorridos a partir dos anos 1990, quando se acentuou um tipo de intervenção urbana baseada no consumo e nos novos usos dos espaços públicos. Intervenções de planos urbanísticos que passam assim a articular uma outra trama urbana e trazem consigo novos conflitos em torno do uso de tais espaços.

Chamamos à atenção para este aspecto tendo em vista a necessidade de um esforço em não permitir que ocorra, a exemplo da Feira da Prata, recentemente, uma espécie de remodelação do espaço público que tem caracterizado, sobretudo, os processos de “revitalização” de determinadas partes da cidade remodeladas e enobrecidas em “nome de uma memória e de uma história acionadas como patrimônio histórico e usos simbólicos estrategicamente voltados ao consumo do lugar. Pois, o que se observa é que, enquanto formas singulares de (re)apropriação de certos espaços públicos, os *novos usos* que tais espaços passam a ter após seu enobrecimento são característicos de processos *gentrification*³ onde determinadas configurações sociais dos

³ Entende-se **gentrification** como intervenções urbanas voltadas ao *city marketing* ou à transformação de degradados sítios históricos em áreas de entretenimento urbano e consumo cultural, caracterizado ainda por uma possível supressão da natureza pública do espaço. A esse respeito, cf. FRUGÓLI JR.



espaços e seus usos incidem para formas de sociabilidades que têm favorecido assimetrias e desiguais possibilidades de uso, ao concorrer para uma possível supressão da natureza pública do espaço, por usos especializados distintos, contrários e muitas vezes conflitantes (LEITE, 2006).

O enobrecimento e a “revitalização” articulariam uma concepção de retração do espaço público visto que, mais do que supor a eficácia de uma memória compartilhada para ações convergentes no interior de uma localidade que a represente, as práticas de *gentrification*, canalizam a tradição como valor potencial para ações de consumo no interior do mercado. Há uma tensão e um reconhecimento da existência de uma nova sociedade e de novos atores históricos no espaço citadino (SCOCUGLIA, 2009) que se coloca em novas bases as dinâmicas que orientam a ocupação do espaço interurbano, analisado agora a partir das práticas de mercado que reestruturam as territorialidades urbanas e fazem surgir novas centralidades: caracterizadas pela fragmentação, segregação espacial, encolhimento do público e do alargamento do espaço privado.

Conclusão

A principal contribuição da Extensão desenvolvida foi partilhar uma concepção sobre o patrimônio histórico, de modo a possibilitar aos alunos e feirantes envolvidos a percepção da Feira Central como uma história dinâmica que precisa ser conhecida e cuidada enquanto espaço de vivências e memórias da cidade de Campina Grande. Pois, é a dinâmica cultural da Feira Central que a faz peculiar como espaço de trabalho, de histórias de vida e múltiplas trajetórias dos seus personagens: maior patrimônio deste espaço.

Em termos dos resultados alcançados, podemos destacar: 1) Promoção da interação entre o conhecimento acadêmico e o popular; 2) Resgate e preservação das memórias e

Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Áreas. *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/EDUSP, 2006.

histórias de vida dos feirantes; 3) Visibilidade da feira como ambiente rico em conhecimentos e trocas, dado o que aprendemos com os feirantes; 4) Credibilidade dada à UEPB pelos feirantes, principalmente ao perceberem que estávamos ali para ajudá-los no que fosse preciso; 5) Contribuição para fomentar a autoestima dos feirantes, ao falarem de si próprios inseridos e pensado enquanto sujeito de sua própria história de vida; 6) Acesso ao maior número de alunos, fazendo da Extensão uma porta de entrada à comunidade; 7) Fortalecimento dos laços de sociabilidade entre universidade e feirantes.

Todos estes resultados, juntos, contribuíram para ampliar uma leitura inicial, dos alunos, sobre o espaço da feira e integrar corpo docente, discente e feirantes, em compreensão ao complexo processo de criação do patrimônio histórico material e imaterial da Feira Central de Campina Grande.

Referências

COSTA, Antônio Albuquerque da. *Sucessões e Coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo*, 2003. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Geografia CFCH/DCG/UFPE, Recife, 2003.

LEITE, Marcelo Proença. "Espaços públicos na pós-modernidade". In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Marcelo Proença(Org.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra(Portugal):Almedina/CES,2009(pp.187-204).

_____. "Margens do dissenso". In: FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs.). *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006(pp.23-44).

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. Requalificação urbana e gentrification de antigos centros urbanos — estudo comparativo França e Brasil In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 14, 2009, Recife. *Anais...* Recife: CISO, 2009.1 v.